

CIRCULAÇÃO DE LIVROS NO PIAUÍ OITOCENTISTA

Alcebíades Costa Filho¹

Contrário ao estereotipado desenho traçado em relação à sociedade piauiense oitocentista, evidenciando fatores que desfavorecem uma cultura letrada, presume-se que no final do século XVIII, textos impressos já circulavam pela capitania do Piauí. Alguns, na forma de livro de ficção, para deleite de algum delegado da Coroa portuguesa ou para o reduzidíssimo grupo de leitores da elite rural; também, na forma de livros didáticos, para instrução dos membros dessa mesma elite. Na primeira metade do século XIX, diversificou e cresceu a quantidade de livros em circulação, é que nesse período, piauienses que haviam cursado o ensino superior fora do Piauí, retornavam trazendo na bagagem livros, revistas, jornais, almanaques, impressos diversos que deram origem as primeiras bibliotecas particulares, a exemplo da biblioteca do padre Marcos de Araújo Costa.²

No cenário de Oeiras capital da província do Piauí, não se tem informações de outras bibliotecas além daquela do padre Marcos. Entretanto, cogita-se que, no mesmo período, outros sujeitos residentes na capital possuíam biblioteca, a exemplo de Francisco de Sousa Martins que, no exercício de funções políticas e jurídicas, viveu no Rio de Janeiro, Bahia e Ceará, fixou residência em Oeiras, aonde advogou, foi professor no Liceu Piauiense. Como membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em uma das edições da revista dessa instituição, ano 1846, publicou “Progresso do jornalismo no Brasil”, onde dedicou espaço para a história do jornalismo no Piauí. Entre as fontes para escrever seu artigo, o autor possivelmente lançou mão de acervo bibliográfico, indício de que possuía livros ou tomou emprestado de algum letrado interessado na mesma matéria. Não é demais supor que pelo menos um exemplar da Revista do IHGB, com o referido artigo, tenha circulado pela velha capital.

Mas é no cenário da cidade de Teresina, nova capital da província do Piauí, que se encontra nos jornais da época, quantidade pequena de informação acerca da circulação de livros. Considerável e significativa é mesmo a quantidade de livros acondicionada na biblioteca de apoio à pesquisa do Arquivo Público do Piauí (APPI). Livros escritos por piauienses, colocados em circulação entre o final do século XIX e primeira metade do XX, alguns impressos no Piauí. É esse acervo o objeto das atenções nesse trabalho, toma-se como

¹ Professor Doutor da Universidade Estadual do Maranhão e Universidade Estadual do Piauí.

² GARDNER, 1975.

marco cronológico inicial a década de 1850, quando em 1852 ocorreu a transferência da capital de Oeiras para Teresina, até a década de 1920, quando da eclosão de movimentos de modernização cultural no Brasil, tendo como referência o movimento modernista de São Paulo. Mais bibliotecas foram se constituindo ao longo da segunda metade do século XIX.³ Teresina, entre as décadas de 1860 e 1870, contava com duas bibliotecas públicas, uma na Escola Normal e outra mantida pelo governo da Província, com mais de 20 mil volumes, funcionando com sistema de empréstimo, possibilitando a circulação de livros.⁴ Lentamente, sem ostentação, o livro penetrou na sociedade piauiense oitocentista.

Entre 1852 e 1884, não há dúvida quanto à circulação de cinco livros em Teresina: “Flores da Noite” (1866) de Licurgo de Paiva, “Flores Incultas” (1875) de Luiza Amélia de Queiroz Brandão, “Impressões e Gemidos” (1870) de José Coriolano de Sousa Lima, “Harpa do caçador” (1884) de Teodoro de Carvalho e Silva Castelo Branco e “Ecos do Coração” (1881) de Hermínio de Carvalho Castelo Branco, todos os autores piauienses e residentes no Piauí, a exceção de Sousa Lima.⁵ Cinco livros de poesias, forma de manifestação literária predominante no ambiente literário, com destaque para a poesia de caráter sertanejo.⁶ Hermínio de Carvalho Castelo Branco é o mais expressivo de todos os poetas cultores desse viés poético, seu livro reúne poesia sobre o viver rurícola piauiense. Dos cinco livros citados foi o mais vendido e recebeu oito edições.⁷

É necessário destacar que, nesse mesmo período, distanciando-se da poesia, circularam em Teresina alguns impressos como “Memória Cronológica, Histórica e Corográfica da Província do Piauí”, de José Martins Pereira de Alencastre, trabalho publicado pela Revista do IHGB, edição de 1857; “Relatório da viagem feita de Teresina até a cidade de Parnaíba, pelo rio do mesmo nome, inclusive todo o seu delta, por ordem do Exmo. Sr. Dr. Adelino de Luna Freire, presidente do Piauí”, no ano de 1867, elaborado por David Caldas e publicado em anexo a mensagem do referido presidente da província à Assembléia Legislativa Provincial do Piauí.⁸

³ Em suas memórias, Higino Cunha, deixa claro que vários contemporâneos seus possuíam bibliotecas. É difícil recompor esse acervo, pela falta de informações. No início do século XX, há notícias de bibliotecas colocadas à venda, como a de João Pinheiro (MAGALHAES, 1998) e do major Fontenele Burlamaque que, através do jornal “Correio de Teresina” (1915) anunciava a venda da sua biblioteca, cf. Hemeroteca do APPI.

⁴ NUNES, 2007, vol. 4, p. 313; COSTA, 1974, vol. 2.

⁵ É possível que o volume de livros em circulação seja bem maior do que o “corpus” aqui apresentado. No entanto, optou-se por um conjunto menor que permitisse tranquilidade quanto à sua circulação em Teresina.

⁶ Na segunda metade do século XIX, parcela considerável da intelectualidade brasileira entendia como literatura apenas “as intituladas belas-letas”, que se restringia “quase exclusivamente à poesia” (COUTINHO, 2004, p. 2).

⁷ PINHEIRO FILHO, 1988.

⁸ Há informações de que esse trabalho foi publicado no “Dicionário Histórico e Geográfico do Maranhão” de Cesar Marques. Em “Historia concisa da literatura brasileira” Alfredo Bosi (2006, p. 83-87) estuda um conjunto

O relatório de David Caldas faz parte do conjunto de ações para desenvolver a navegação fluvial na bacia do Parnaíba. O ápice da movimentação nesse sentido foi o trabalho do engenheiro Gustavo Luís Guilherme Dodt, que patrocinado pela presidência da província do Piauí, em 1868, em expedição de estudo navegou até as nascentes do rio Parnaíba. Em 1873, publicou um relatório com o título “Descrição dos rios Parnaíba e Gurupi”, que supomos, tenha circulado entre os letrados locais. É dessa mesma época, o trabalho de pesquisa e editoração de Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco que, em 1879, publicou “Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres” (1878). Como editor, também publicou o “Almanaque piauiense”, entre 1879 e 1881.⁹ Esse tipo de publicação reflete a visão de mundo que nos legaram esses primeiros estudiosos da sociedade piauiense.

Contudo, o livro era ainda uma raridade, circulava em meios restritos, destacando-se a capital, local de concentração de letrados. O pequeno volume de obras publicadas não correspondia à avultada produção literária. Através da imprensa os intelectuais discutiam a questão.

Quase todos os intelectuais piauienses, que mourejam na terra natal, tem prometido a publicação de uma ou mais obras, sem conseguirem realizar a promessa. Revelam com isso boa vontade. Mas parece que o meio não é favorável à eclosão de livros. Talentos de escol não nos faltam em todas as gerações. A nossa imprensa periódica o atesta sobejamente. No entanto, pode-se dizer que somos todos autores inéditos, por falta de livros, escritores dispersos nas paginas do jornalismo efêmero¹⁰.

No entanto, observa-se que entre 1880 e 1920 ocorreu aumento do meio circulante de impressos no Piauí, se comparado ao período anterior 1852 e 1880. Impressos circulando na forma de livros, jornais, folhetos, relatórios diversos, revistas e almanaques. As tipografias da capital já imprimiam livros¹¹ e havia pelo menos uma livraria em Teresina, a Livraria Econômica, localizada na Rua Paissandu, n. 47.¹² Diferentes reclames comerciais indicam livros comercializados em bazares, em meio aos mais variados produtos. Discreto comércio de livros, pressão dos novos profissionais liberais sobre os comerciantes. Nas primeiras

de impressos que aborda assuntos diversos (sermões, artigos, discursos, ensaio jornalístico, ensaio-político social, etc.) designando-os de “gêneros públicos”. No Piauí, esse conjunto assume papel importante, aumentando o volume de impressos em circulação e despertando nos autores a consciência de pertencimento a um grupo de escritores ligados a uma comunidade literária específica.

⁹ MONSENHOR CHAVES, 1998, p. 466-468. A título de ilustração, data desse período as publicações: “A Criação Universal” (1856) e “O Ímpio Confundido” (1873) de Leonardo Castelo Branco; “Primeiras estrofes” (1875) “Mártires da Vitória” (1880) e “Emancipação” (1881) de Joaquim Ribeiro Gonçalves. Os contos de Francisco Gil Castelo Branco datam desse período, mas não há indícios de que foram recepcionadas no Piauí. É interessante registrar mais de oito dezenas de estudos assinados por piauienses circulando em outras províncias do Império, alguns de Costa Alvarenga e Marcos Antônio de Macedo publicados e postos em circulação na Europa.

¹⁰ Jornal “O Monitor”, dez., 1906.

¹¹ “O Semanário”, out. 1877, APPI.

¹² MONSENHOR CHAVES, 1998, p. 467.

décadas do século XX, surgiram às papelarias, espaços mais apropriados para esse tipo de comércio. Em 1912, pela imprensa, a “Agência de Revistas”, de Artur Carvalho e Cia, localizada a Rua Rui Barbosa, anunciava que continuava recebendo publicações nacionais e internacionais,¹³ indício da existência do comércio de impressos e do surgimento de espaços específicos para esse tipo de produto. Embora sejam escassas as fontes, é certo que, em Teresina, a partir de 1870, é crescente o número de notícia em jornais tendo livros como objeto de divulgação.

A novidade é realmente o livro, uma vez que jornais e revistas já publicavam contos, crônicas e até mesmo romances¹⁴. Entre 1884 e 1929, literatos piauienses publicaram um “corpus” de livros que ampliou significativamente o volume em circulação. Contabilizamos trinta livros de poesias¹⁵; quatro romances¹⁶; três livros de contos¹⁷; um de crônicas,¹⁸ a maioria dos autores residiam em Teresina. Mais de três dezenas de livros em circulação, quando no período compreendido entre 1852 e 1880 foi apenas meia dezena. Os indícios apontam para um “corpus” bibliográfico circulante bem maior, já que foram contabilizados apenas autores piauienses. É certo que a comunidade de leitores desse período tenha adquirido livros de autores de sua preferência e necessidade.

O livro se inseria na sociedade piauiense “na forma perfeita de ‘doces’ versos”, reafirmando que a poesia é a forma de manifestação literária dominante de meados do século XIX até meados do século seguinte. Em 1906, o crítico literário da revista “Cidade de Luz” escreveu:

Apesar do peso da publicação e o ainda relativamente pequeno número de leitores, os livros surgiram firmando definitivamente nomes de talentos e cheios de vigor, estereotipados na forma perfeita de dulcificados versos, filiados às escolas mais recentes em que se subdividiu o parnasianismo francês com Verlaine e Mallarmé à frente. Só até aí livros de versos, sem dúvida mais fáceis de concepção do que o livro de prosa¹⁹.

¹³ Jornal “Cidade Verde”, fev. 1912, APPI; Jornal “Diário do Piauí”, ago. 1912, APPI.

¹⁴ Clodoaldo Freitas, por exemplo, publicou o romance “Memórias de um velho” na forma de folhetim, no jornal “Pátria”, entre novembro de 1905 e fevereiro de 1906. Obra publicada na forma de livro, em 2008, pela Professora Dra. Teresinha Queiroz, da Universidade Federal do Piauí. Há notícias de que em 1893, antes do romance de Clodoaldo Freitas, Leônidas Benício Mariz e Sá publicou em Recife um romance de costumes piauienses, intitulado “Bela”, entretanto não se encontrou indícios de foi recepcionado no Piauí.

¹⁵ Felix Pacheco (8 livros), Da Costa e Silva (4 livros), Antonio Chaves (3 livros, um em parceria com Zito Batista e Celso Pinheiro), Jonas da Silva (2 livros), Lucidio Freitas (2 livros, um em parceria com o irmão Alcides Freitas); Zito Batista, Celso Pinheiro, João Ferry, Felonon Castelo Branco, Teodoro Castelo Branco, João Pinheiro, Adalberto Peregrino, Jonatas Batista e Clodoaldo Freitas um livro cada poeta.

¹⁶ “Memórias de um velho” (1905/6) Clodoaldo Freitas; “Através da vida” (1906) e “Angustia” (1913) Amélia de Freitas Beviláqua; “Um Manicaca” (1909) Abdias Neves.

¹⁷ “Alcione” (1902) e “Silhouettes” (1906) Amélia de Freitas Beviláqua; “À toa (Aspectos do Piauí)” (1913) João Pinheiro.

¹⁸ “Em roda dos fatos” (1911) Clodoaldo Freitas.

¹⁹ Revista “Cidade de Luz”, n. 11, p. 23-24, APPI.

Textos em prosa já circulavam no meio piauiense na forma de estudos diversos, em revistas, relatórios e folhetos, nas primeiras décadas do século XX é a vez da ficção literária, romances e contos, na forma de livros. Chama atenção à publicação do romance “Um Manicaca” (1909) de Abdias Neves, encontra-se entre os primeiros livros em prosa elaborado e editado no início do século XX, em Teresina, rompendo com a prática tradicional de publicação de poesias. Seu conteúdo retoma a tradição dos romances de autores piauienses, a exemplo de Francisco Gil Castelo Branco,²⁰ Clodoaldo Freitas e Leônidas Benício Mariz e Sá, em que o Piauí aparece como cenário onde os personagens se movimentam. No caso do romance de Abdias Neves, ficaram plasmado espaço e costumes da sociedade teresinense.²¹ Livro marco na literatura piauiense, o romance consolida a transição da forma de publicação da literatura de ficção, das páginas dos jornais para a forma de livro.

Quanto aos livros de contos, destacam-se os livros de Amélia Beviláqua e João Pinheiro. No Piauí, as bases dessa forma de expressão literária foram lançadas em meados do século XIX, quando o poeta José Coriolano de Sousa Lima se dedicou à escrita de contos como “O casamento e a mortalha no céu se talha”. Contudo, somente no início do século XX, o conto se firmaria no ambiente literário piauiense. Para Brandão, os primeiros contos piauienses apresentavam muita semelhança com a crônica, foi Clodoaldo Freitas e João Pinheiro que deram a essa forma de expressão literária a feição correta e moderna.²²

“À toa” (1913) de João Pinheiro, é o livro de contos de maior sucesso no meio literário piauiense, teve recepção calorosa. Presume-se que se harmonize com a tendência do conto brasileiro desse período que, nas primeiras décadas do século XX, se utiliza de matrizes regionais como inspiração.²³ Brandão já percebera a importância do livro e do autor quando afirmou que o contista “não [era] um estilista, mas sua linguagem [ficava] sempre em perfeita correspondência com o meio e os personagens das narrativas que constrói com simplicidade e maestria”²⁴.

Entre os livros de prosa enfatiza-se um “corpus” bibliográfico eclético, composto de discursos, conferências, trabalhos parlamentares, teses, escritos de caráter pessoal e político

²⁰ Muito embora a geração de Abdias Neves não tenha incluído esse autor no cânone literário piauiense.

²¹ Jornal “O Correio”, ago. 1901, APPI. No jornal “O Norte”, 19 nov. 1907, encontra-se noticiado que o romance estava “pronto para entrar no prelo e nosso público já o conhece em parte pela publicação que dele fez um jornal desta capital”, clara indicação de que antes da edição em livro, parte do romance já tinha circulado na forma de folhetim. Na mesma notícia, o romance é comparado aos romances “A Normalista”, de Adolfo Caminha e ao “Ateneu”, de Raul Pompéia. Cf. Hemeroteca do APPI.

²² BRANDÃO, 1981.

²³ BOSI, 2006, p. 194-217 “O naturalismo e a inspiração regional”. Nossa intenção é fixar o momento em que, no meio de tanta poesia, o conto e o romance surgiram na literatura piauiense, assim como, verificar a aproximação entre as tendências locais e as tendências da literatura brasileira.

²⁴ BRANDÃO, 1981, p.14.

partidário e ensaios voltados para o conhecimento da sociedade piauiense. Impressos desse conjunto bibliográfico lançam no ambiente cultural piauiense obras resultado do esforço de conhecer cientificamente o Piauí, discutindo problemas e potencialidades locais.²⁵ “Vultos Piauienses” (1903) de Clodoaldo Freitas e “Nossos Imortais” (1918) de Felon Castelo Branco tornam-se visíveis como parte da conexão de elementos para a fundação da Academia Piauiense de Letras (APL), uma vez que as duas obras se inserem no trabalho de invenção de uma tradição literária piauiense.

“Vultos Piauienses” é um livro de estudos biográficos, oito biografias, de um total de dez, enfatizam a atividade literária do biografado, é o caso dos poetas José Manoel de Freitas, Leonardo Castelo Branco, Licurgo de Paiva, José Coriolano e Teodoro Castelo Branco; da poetisa, Luisa Amélia de Queirós Brandão e dos polígrafos Miguel Castelo Branco e João Alfredo de Freitas. Quando da fundação da Academia Piauiense de Letras (APL), dos literatos contemplados nessa obra, somente Leonardo Castelo Branco não foi escolhido como patrono de cadeira da APL, justamente aquele que recebeu críticas negativas. O autor do livro, Clodoaldo Freitas, foi sócio fundador da APL (1918) e seu primeiro presidente. Quanto ao livro de Felon Castelo Branco, considera-se que, embora tenha sido publicado no mesmo ano em que a APL foi instalada, sua intenção era contribuir para determinar uma comunidade e uma continuidade literária.

Quando mais tarde foi publicado “Literatura Piauiense” (1937) de João Pinheiro e “Vozes Imortais” (1945) de Edson Cunha fica claro que parcela considerável dos escritores piauienses, embora integrados a um movimento mais geral das letras brasileiras, participavam de uma comunidade de escritores específica. É impossível pensar na instalação de institutos de representação literária, como uma academia de letras, sem a circulação de um “corpus” bibliográfico. No caso do Piauí, entre meados do século XIX e primeiras décadas do XX, a

²⁵ Desse conjunto de obras destaca-se: “Vultos Piauienses” (1903) e “História de Teresina” (1911) de Clodoaldo Freitas; “Do Rio de Janeiro ao Piauí pelo interior do país” (1905) de Joaquim Nogueira Paranaguá; “Questão de Tutóia” (1907) e “Limites do Piauí” (1921) Antonino Freire; “Guerra Sectária” (1910), “Frei Serafim de Cantânia” (1917), “Operário da boa vinha” (1920), “Fitas” (1920) de Elias Martins; “O idealismo filosófico e o ideal artístico” (1913), “Anísio de Abreu” (sua obra, sua vida e sua morte) (1920), “Recepção do Sr. Matias Olimpio” (1921), “O Ensino Normal no Piauí” (1923), “História das religiões no Piauí” (1924) “Os revolucionários do sul através dos sertões nordestinos do Brasil” (1926) Higinio Cunha; “Nossos Imortais” (1918) Felon Castelo Branco; “O Piauí” (1920) Benjamim de Moura Batista; “Interesses Piauienses” (1920) Armando Madeira Bastos; “O Piauí na Confederação do Equador” (1921), “Aspectos do Piauí” (1926) de Abdias Neves; “Escola Normal no Piauí” (1921) de Anísio Brito; “Livramento” (1923) de José de Almendra Freitas; “A indústria pecuária piauiense” (1924) R. Fernandes e Silva; “Notas sobre a geologia do estado do Piauí” (1925) Luis Flores de Moraes Rego; “Arengas e Retalhos” (1925) Vaz da Costa; “O ideal cristão” (1926) e “Propriedade territorial no Piauí” (1928) Simplício Mendes; “Hidrografia e Orografia do Piauí” (1927) Mário José Batista; “O sentimento brasileiro na poesia de Bilac” (1928) Martins Napoleão; “Aspectos do problema econômico piauiense” (1929) Luis Mendes Ribeiro Gonçalves; “Conchrone, falso libertador do Norte” (1929) Hermínio Conde.

circulação de livros esteve restrita as camadas sociais dominantes, aí se encontra tanto o grupo dos leitores como dos autores, piauienses que ocupam cargos importantes nas esferas de poderes, se destacam ainda como professores, jornalistas, editores de revistas e jornais. Paradoxalmente, em contato com camadas sociais dominantes, indivíduos de camadas inferiores da sociedade se aproximam dos livros em circulação, aumentando o grupo de leitores, movimentando mais ainda o meio circulante.

Referências

Jornais e revistas (Hemeroteca do Arquivo Público do Piauí)

Correio de Teresina
O Monitor
Cidade Verde
Cidade da Luz
O Semanário
Diário do Piauí
Pátria
O Correio
O Norte

Bibliografia

BASTOS, Cláudio. *Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1994.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRANDÃO, Wilson de Andrade. “Introdução. Evolução do conto na literatura piauiense”. In: GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ. *O conto na literatura piauiense*. Teresina: COMEPI, 1981, p. 7-17.

COSTA, F. A. Pereira da. *Cronologia Histórica do Estado do Piauí*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974, vol. 2.

COUTINHO, Afrânio (direção). *A literatura no Brasil*. Preliminares. Parte I/Generalidades. São Paulo: Global, 2004.

FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos* (Crônicas). Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1996.

_____. *Vultos piauienses- Apontamentos biográficos*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1998.

HOBBSAWM, Eric J; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura Piauiense: horizontes de leitura & crítica literária (1900-1930)*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1998.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, Publifolha, 2000.

MONSENHOR CHAVES. *Obra completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *Cronologia do Piauí Republicano 1889 – 1930*. Teresina: Fundação CEPRO, 1988.

NUNES, Odilon. *Pesquisas para a história do Piauí*. Teresina: FUNDAPI; Fundação Monsenhor Chaves, 2007, vol. 1 e 4.

PINHEIRO, Áurea da Paz. *As ciladas do inimigo: as tensões entre clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2001.

PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1972.

_____. Á guisa de prefácio e biografia In: CASTELO BRANCO, Hermínio. *Lira Sertaneja*. Teresina: Academia Piauiense de Letras\ Projeto Petrônio Portella, 1988.